Reflexões sobre a influência do comportamento do turista na preservação dos recursos naturais da pedra da mina, Unidade de conservação do estado de Minas Gerais

Reflections about the influence of tourists' behavior on the preservation of natural resources at Pedra da Mina, protected area in the state of Minas Gerais

Reflexiones en la influencia del comportamiento del turista en la preservación de los recursos naturales de la roca de la mina, unidad de conservación del estado del Minas Gerais

Este artigo tem a intenção de demonstrar que a preservação de espaços naturais está diretamente ligada ao comportamento dos turistas, entre outros determinantes. Partiu-se do pressuposto que quando o turista age de acordo com os princípios da sustentabilidade torna-se capaz de aliar entretenimento e uso responsável. Contudo, não recai sobre a demanda toda a responsabilidade, o próprio destino deve reconhecer a importância do planejamento que preveja infraestrutura adequada e a instituição de diretrizes comportamentais que induza o turista a tal. A fim de empreender tal discussão, utilizou-se pesquisa bibliográfica e de campo, elegendo por objeto de estudo o Pico da Pedra da Mina localizado em uma Unidade de Conservação de Minas Gerais. Verificou-se que o local sofre as consequências de uma demanda espontânea e não orientada por um planejamento local, o que deixa seus recursos naturais vulneráveis à ação do homem.

This article aims to demonstrate how the preservation of natural spaces is directly connected to tourists' behavior, among other determining elements. One departs from the premise that when a tourist acts in accordance with sustainability principles he/she becomes able to bring entertainment and responsible use together. However, responsibility need not be all shouldered by demand, and the destination itself must acknowledge the relevance of a planning that caters for adequate infrastructure and the establishment of behavior guidelines for tourists. In order to conduct such a discussion, field and bibliographic research has been employed, with the choice of "Pico da Pedra da

Mina", in a protected area in the state of Minas Gerais, as the object of study. It has been observed that the site is under the impact of spontaneous demand, rather than one guided by local planning, what leaves its natural resources vulnerable to human interference.

Este artículo tiene la intención de demostrar que la preservación de espacios naturales está directamente atada al comportamiento de los turistas entre otros determinantes. Se partió del presupuesto que cuando el turista actúa de acuerdo con los principios sustentables se vuelve capaz de aliar entretenimiento y uso responsable. Sin embargo, no recae sobre la demanda toda la responsabilidad, el propio destino reconoce la importancia del planeamiento que prevea infraestructura adecuada y la institución de directrices de comportamiento que proporcione el turista al hecho. Para emprender tal discusión se utilizó pesquisa bibliográfica y de campo, eligiendo por objeto de estudio el "Pico da Pedra da Mina" localizado en una unidad de conservación de Minas Gerais. Se observó que el sitio sufre la consecuencia de una demanda espontánea y no orientada por un planeamiento local lo que deja sus recursos naturales vulnerables a la acción del hombre.

Palavras-chave: espaço natural, preservação, demanda, planejamento.

Autores:

Cassiano Caon Amorim

Mestre em Ordenamento Territorial e Ambiental pela Universidade Federal Fluminense e Doutorando em Geografia Humana pela USP - São Paulo. Docente do Curso de Turismo da Faculdade Estácio

de Sá Juiz de Fora e em outras instituições privadas de ensino superior.

E-mail: cassianoamorim@hotmail.com.br

Anne Bastos Martins

Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo de Santos Dumont; Especialista em Marketing pela Universidade Estácio de Sá; Especialista em Ecoturismo: interpretação e planejamento de atividades pela Universidade Federal de Lavras; Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora e professora do Curso de Graduação em Turismo da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.

E-mail: anebastos@estacio.br

Luiz Henrique de Oliveira Santos

Diretor executivo e professor da ONG Grupo Brasil Verde - GBV.

E-mail: luizserrafina@hotmail.com

Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo analisar o comportamento do turista que visita a Serra Fina, a saber uma elevação que faz parte do grande complexo de relevo que compõe a Serra da Mantiqueira, localizada na divisa dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Portanto, enquanto espaço possível de visitação turística, pode-se dizer que a Serra Fina se encontra em posição privilegiada por estar entre as principais metrópoles do país.

A metodologia utilizada para caracterizar a demanda turística desta localidade, especialmente quanto ao seu comportamento diante dos recursos naturais, tem como base a resposta voluntária a um questionário deixado em uma caixa de alumínio, fixada sob uma rocha no topo do Pico da Pedra da Mina – ponto mais alto da Serra, a 2797m de altitude. Este recurso de investigação foi utilizado pela dificuldade de acesso cons-

tante ao local, visto demorar dois dias, ida e volta, utilizando o trajeto que se inicia na comunidade de Paiolinho em Passa Quatro, MG; já para percorrer todo o trajeto da Serra Fina passando por três principais picos, inclusive o Pedra da Mina, são quatro dias de caminhada.

A Serra Fina ainda conta com outros atrativos além do Pico, como cachoeiras e montanhas, mas a escolha da realização da pesquisa neste local foi em função deste registrar maior fluxo de turistas, em comparação aos demais.

Toda a área da elevação da Serra Fina encontra-se dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra da Mantiqueira, uma Unidade de Conservação criada em 03 de junho de 1985 que se estende por 422.873 hectares e é administrada pelo ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Sendo, portanto, relevante verificar como o local tem sido consumido pelos turistas que lá chegam espontaneamente, visto não haver nenhum planejamento que estimule a visita, e nem mesmo que oriente a prática da atividade turística neste meio natural.

Preservação e conservação dos recursos naturais

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) – instituído pela Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência da República – todas as Unidades de Conservação, UC's, são definidas como um território que necessita ser preservado e, como tal, requer legislação e fiscalização adequadas, como se lê abaixo:

As Unidades de Conservação são espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (BRASIL, 2000, s/p)

De acordo com pesquisas realizadas por Seabra (2001), atualmente as Unidades de Conservação do Brasil correspondem a 3,7% de toda a superfície do território nacional, percentual significativo que demanda legislação própria e específica para seu ordenamento, monitoramento e uso, assim como para a ocupação destas áreas protegidas, caso seja permitida.

É necessário diante da possibilidade real de degradação e devastação de re-

ursos naturais, estabelecer critérios e normas para a criação e gestão das Unidades de Conservação, para que ocorra a efetiva conservação da biodiversidade. Portanto, estas cumprem alguns objetivos entre os quais destacaremos:

Contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos e proteger as espécies ameaçadas de extinção nos âmbitos nacional e regional; Promover o desenvolvimento sustentável partindo dos recursos naturais; Proteger os monumentos geológicos, geomorfológicos, espeleológicos, arqueológicos, paleontológicos e culturais; Proteger as comunidades tradicionais, respeitando e valorizando sua cultura e promovendo-as social e economicamente; Promover a educação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico. (SEABRA, 2001, p.36)

Nitidamente, servem como espaço para a salvaguarda e promoção do meio natural, valorizando as comunidades e aliando o uso dos recursos à práticas sustentáveis, inclusive por meio da atividade turística.

Segundo o SNUC, as Unidades de Conservação são divididas em dois grupos distintos, com características específicas: um chamado de Unidades de Proteção Integral cujo objetivo principal é a preservação dos recursos naturais, admitindo, desta forma, apenas seu uso indireto. Nesta categoria incluem-se: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. (BRASIL, 2000)

Como segundo grupo tem-se as Unidades de Uso Sustentável que objetiva promover a conservação dos recursos naturais mediante o uso sustentável, visando sua conservação, conforme Seabra (2001). São classificadas como Unidade de Uso Sustentável: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reserva Extrativista, Reserva Particular do Patrimônio Natural.

Ressalte-se que a Unidade de Conservação onde se localiza o Pico da Pedra da Mina, enquadra-se neste segundo grupo por ser uma APA, Área de Proteção Ambiental, definida pelo SNUC como:

[...] uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem

como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000, s/p)

A prática do turismo em áreas naturais e, especificamente em áreas naturais protegidas, vem crescendo significativamente nos últimos anos vinculada a alguns fatores, como: o frenético ritmo vivido pelas populações urbanas envoltas em caos e violência, congestionamentos e conflitos de diversas ordens, tensão no mundo do trabalho, entre tantos outros vivenciados no dia-a-dia das cidades.

A partir deste cenário, o desejo de evasão, tão debatido por Ruschmann (1995), tornou-se mais presente na vida de muitos cidadãos que buscam dirigir-se a áreas naturais tentando vivenciar momentos que rompam com os elementos supracitados. Almejam por silêncio, tranquilidade e por um local em que possam desfrutar, mais despreocupadamente, de situações prazerosas. Dentre as alternativas oferecidas a este público encontram-se as UCs onde podem ser realizadas atividades diversas em áreas naturais e montanhosas, como a Pedra da Mina. Entre as opções, enfatizamos a caminhada de um dia ou de curta duração, chamada de *hiking*, e a caminhada com duração de mais de um dia ou de longa duração, conhecida por *trekking*. (BRASIL, 2006)

Especificamente quanto às atividades em montanha, Swarbrooke *et al* (2003) esclarece terem sido iniciadas no século XIX em países desenvolvidos, como:

[...] forma de aventura [...] ligada ao movimento romântico na Europa dos séculos XVIII e XIX. Esse movimento enfatizava a natureza, e conferia às montanhas uma qualidade espiritual, quase mística. Os entusiastas de esporte de montanhas do século XIX frequentemente eram em larga medida influenciados por essas idéias. (SWARBROOKE *et al*, 2003, p.43)

Na região da Serra Fina, um dos tipos de atividade desenvolvida é, justamente, o *trekking*, sendo a Pedra da Mina um dos destinos mais procurados e almejados pelos turistas. Este tipo de prática vincula-se ao Turismo de Aventura entendido como segmento turístico decorrente de atividades de aventura de caráter não competitivo. Com base em documentos oficiais do Ministério do Turismo é caracterizado por:

[...] fundamentar-se em aspectos que se referem à atividade turística e ao terri-

tório em relação à motivação do turista, pressupondo o respeito nas relações institucionais, de mercado, entre os praticantes e com o ambiente. (BRASIL, 2006, p.09)

Paralelamente, faz-se imperioso conceituar o Ecoturismo por dois motivos, a saber: primeiro por que durante muito tempo o Turismo de Aventura foi tomado como uma atividade associada ao Ecoturismo, como se fosse uma modalidade deste. Atualmente, possui formato próprio que lhe oferece consistência única. Depois, para podermos analisar se os motivos apontados pelos turistas que visitam a Pedra da Mina realmente encontram respaldo conceitual no Turismo de Aventura.

Para o Ministério do Turismo, o Ecoturismo deve ser compreendido como:

[...] um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do meio ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. (BRASIL, s/d, p.09)

Apesar dos segmentos poderem ser realizados em um mesmo ambiente, conceitualmente guardam diferenças que precisam ser consideradas. O Ecoturismo refere-se à forma através da qual o turista busca se integrar ao meio natural e, segundo Beni (2002), só pode acontecer em Unidades de Conservação. Para o Ministério do Turismo refere-se a um segmento que leva seus praticantes a vivenciar e a conhecer a natureza, além de ser fortemente marcado pela premissa da proteção dos locais onde ocorre. (BRASIL, s/d)

Já o Turismo de Aventura representa o escape de um ambiente rotineiro para relacionar-se com outros em que esteja presente o desconhecido, o diferente, o surpreendente; portanto, ao contrário do Ecoturismo, pode ocorrer tanto em lugares naturais, como em espaços urbanos, desde que este seja marcado pelos conceitos mencionados. Afinal, o que determina esta prática não é a fuga/evitação do espaço urbano em busca de experiências junto à natureza, mas sim o encontro com atividades que ofereçam ao turista a oportunidade de experimentar sensações atreladas ao inusitado ou que tenham uma carga máxima de adrenalina. Ou ainda “[...] pressupõe determinado esforço e riscos controláveis, e que podem variar de intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista” (BRASIL, s/d, p.41)

Logo, o grau de aventura é definido em função de um maior ou menor envolvimento com atividades físicas que suscitem certa dose de risco, por mais que este seja calculado. Para Swarbrooke *et al* (2003) a relação se estabelece da seguinte forma – quanto mais distante da realidade maior a aventura.

Decorrente disto, verifica-se a possibilidade de turistas compartilharem o mesmo local e momento, mas com motivações e expectativas diferentes. Basicamente, estamos nos referindo a dois tipos de turismo que podem, mas não necessariamente, dividir o mesmo espaço físico, apesar de impulsionarem públicos diferenciados junto ao mercado turístico.

Sendo assim, a Pedra da Mina pode ser explorada comercialmente tanto pelo Turismo de Aventura quanto pelo Ecoturismo, ou fazer a opção por adequar-se apenas a um deles. A diferença estará no tipo e na intensidade das atividades que o turista de um segmento e de outro buscará.

Não obstante, mesmo que atividades ecoturísticas sejam desenvolvidas no Pico deverão considerar o esforço físico que terá que ser empregado por parte de seus praticantes. Quanto ao Turismo de Aventura, deverá seguir, rigidamente, a Regulamentação, Normalização e Certificação do segmento, criada pelo Ministério do Turismo em 2005 no sentido de promover “[...] a certificação de condutores, de sistema de gestão da segurança e de informações mínimas necessárias ao cliente [...]”. (BRASIL, 2005, p.5).

Há que se pensar que qualquer prática turística em meio à natureza necessita de planejamento adequado e de uma política de interpretação ambiental, ambos essenciais ao se pretender um tipo de consumo turístico que não comprometa as características e a sobrevivência do local.

Quanto ao planejamento, um dos requisitos para seu desenvolvimento é conhecer o comportamento da demanda do destino turístico. Informa Vasconcelos (2003), que tal ação possibilitará adaptar a localidade aos interesses do público-alvo, mas, especialmente, orientá-los quanto ao uso, ao mesmo tempo em que identificar atitudes contrárias aos princípios do uso sustentável e corrigi-las. Sem que, diminua as chances de sobrevivência do destino em duplo sentido: primeiro do ponto de vista ambiental, depois do ponto de vista mercadológico, pois, por falta de planejamento, ao serem alteradas as principais características naturais, perderá poder de atração e retenção de público em meio a tantos outros locais turísticos que oferecem concorrência.

Neste contexto, desponta a interpretação ambiental como auxiliar no processo de planejamento por agir no despertar do visitante para a valorização e, conseqüente, respeito pelos recursos naturais. Sua função principal é:

[...] explicar o significado de determinado recurso e proporcionar a vivência turística, levando o turista a compreender e experienciar o ambiente natural e o construído. Além disso, a interpretação serve ao propósito de tornar o visitante consciente das questões socioambientais. (BRASIL, 2006, p.32).

Há que se registrar que a Serra Fina, apesar de ser uma UC, não é dotada de infra-estrutura necessária à prática do turismo, colocando em risco a preservação de seus recursos, tanto quanto, a satisfação e a segurança de seu público. Entre os anos de 1993 a 2005, as caminhadas, incluindo o *trekking*, foram responsáveis por acidentes com 202 vítimas não-fatais e 17 fatais, no Brasil. (BRASIL, 2005). Sabe-se que, a maioria dos turistas que sobem até o Pico da Pedra da Mina vão por iniciativa própria, sem o acompanhamento de guias e de condutores mais experientes quanto ao trajeto; situação que torna ainda mais relevante o estudo do comportamento deste público em meio a um espaço que não lhe oferece instrumentais e nem diretrizes que indique o que será prejudicial, ou não, ao espaço e a si próprio.

Ao reconhecer a complexidade desta situação, decidiu-se por empreender esta pesquisa na expectativa de que possam seus resultados servir como referência para futuras ações de planejamento local.

Análise da pesquisa

Com o objetivo de fazer uma caracterização dos segmentos turísticos predominantes na Pedra da Mina, além de identificar e avaliar o comportamento dos atuais visitantes, aplicou-se uma pesquisa entre os meses de julho de 2007 a maio de 2008. Como instrumento de coleta de dados, optou-se por questionários elaborados com questões mistas, por entender que facilitaria a obtenção das informações necessárias, uma vez que os pesquisadores não estariam presentes no local, por motivos anteriormente explicados.

Ao longo dos meses foram disponibilizados 60 questionários, deste total 04 foram retirados da caixa que os guardava e não devolvidos, portanto os resultados baseiam-se em uma amostra que totaliza 56 respondentes, entre 78,6% de homens, 16% mulheres e 5,45 não responderam a ques-

tão, com idade média de 27 anos. Entre estes, 48,2% estavam vindo pela primeira vez à Pedra da Mina e 75% haviam tomado conhecimento do Pico por meio de amigos.

Inicialmente, conforme Gráfico 01, investigou-se, a partir da motivação apontada pelos respondentes, a qual segmento turístico estes se percebem ligados: se ao Turismo de Aventura ou ao Ecoturismo.

A leitura deste e dos demais gráficos depende da interpretação de sua estrutura: o eixo vertical faz a contagem dos respondentes, enquanto o horizontal alude aos números encontrados nas legendas.

GRÁFICO 1
Segmentos Turísticos
Predominantes na Pedra da Mina

- 1 Turismo de aventura: 48,21%
- 2 Ecoturismo: 23,21%
- 3 Outros: 23,21%
- 4 Não responderam: 5,37%

Isto posto, observa-se no Gráfico 01 que a maioria dos turistas, 48,21%, se classifica como praticantes do Turismo de Aventura, seguido pelo Ecoturismo, curiosamente, com igual percentual de respostas para a opção Outros. O fato do Turismo de Aventura ter predominado justifica-se pelo grau de dificuldade de acesso à Pedra da Mina. Depreende-se daí que este fator torna a subida uma atividade exaustiva e intensa, vistos os obstáculos que se interpõem pelo caminho, agravados pelo tempo de exposição a um ambiente natural sem infra-estrutura adequada. Certamente por isto é que encontramos a descrição abaixo no site da *Piza Trekking*, empresa de turismo localizada no Estado de São Paulo que explora o local, além de outros 100 roteiros entre América Latina, Europa e Ásia:

[...] entre as trilhas mais difíceis e duras do Brasil [...]. O desafio é vencer um dos mais difíceis ataques de montanha, escalaminhadas em rampas de pedra, arestas, ventos fortes [...] Caminhada de grande intensidade e longas subidas. (PIZA ..., s/d, s/p)

Dentre as respostas apresentadas para o item Outros encontram-se motivações diferentes das tradicionalmente reconhecidas em ambos os segmentos pesquisados, como: objetivo espiritual e treinamento esportivo. Ainda houve quem tenha conceituado a motivação e o tipo de turismo com "inútil", mas como não apresentou nenhuma outra consideração torna-se imprudente concluir a este respeito, pois pode ter significados muito diferentes: desde uma insatisfação pela experiência, até mesmo o entendimento que lazer e turismo são atividades inúteis.

Seja praticamente de um ou de outro tipo de turismo, mais importante que isto é reconhecer que a presença do turista por si só causa impactos sobre o local. A intensidade será proporcional, entre outras variáveis, ao tipo de comportamento do visitante. Por isto, determinou-se como relevante investigar questões como: lixo, utilização da água e destino de dejetos humanos. Os principais resultados estão demonstrados nos Gráficos 02, 03, 04 e 05, como segue.

Procurou-se averiguar como os turistas se comportam em relação ao lixo que produzem durante o passeio, conforme Gráfico 02:

GRÁFICO 2
Destino do Lixo

- 1 Retornam com seu lixo e outros que encontraram: 60,7%
- 2 Retornam apenas com seu lixo: 21,4%
- 3 Retornam apenas com o lixo inorgânico: 17,9%
- 4 Não retornam com seu lixo: 0%

De acordo com os percentuais, vê-se que 82,1% das pessoas afirmam trazer o lixo de volta, independente do tipo. Chega-se a este total considerando, conjuntamente, que 60,7% retornam com o próprio lixo como também com o produzido por terceiros que, menos conscientes, deixaram-no espalhado pelo local; e que 21,4% responsabiliza-se somente pelo seu lixo.

Entre os respondentes, 17,9% demonstraram preocupar-se em trazer somente o lixo inorgânico, deixando os restos de produtos orgânicos por entenderem que estes serão decompostos e não gerarão maiores prejuízos ao meio ambiente.

Nenhum dos participantes da pesquisa afirmou descuidar integralmente do lixo deixando-o no local. Apesar de a Pedra da Mina não ser marcada por acúmulo de lixo, este dado pode ser questionado uma vez que mais da metade dos respondentes afirmou recolher lixo produzido por outros grupos e esquecidos em meio à natureza.

Dando continuidade à pesquisa, avaliou-se o uso da água, conforme Gráficos 03 e 04, em duas diferentes situações: para a lavagem de utensílios como panelas, e para fazer a higiene bucal. Verdadeiramente, a preocupação por detrás destas questões é a possível poluição do recurso hídrico.

GRÁFICO 3
Uso de Água para Lavagem de Utensílios

- 1 Não lavam os utensílios: 28,57%
- 2 Lavam em rios e córregos: 17,85%
- 3 Lavam longe de rios e córregos: 12,5%
- 4 Lavam em qualquer lugar: 5,35%
- 5 Lavam com areia: 16,07%
- 6 Apenas limpam com guardanapo: 7,14%
- 7 Outros: 8,92%
- 8 Não responderam: 3,57%

Considerando o somatório do percentual dos que afirmaram lavar seus utensílios durante a permanência na Pedra da Mina chega-se ao total de 35,69%, considerando três diferentes grupos: aquele que afirma usar a água dos rios e córregos, 17,85%; outro que usa a água, mas não a do rio e córrego, 12,5%; e um terceiro, felizmente menor mas mesmo assim preocupante, que lava em qualquer lugar, 5,35%. Sendo este último, representante de atitude contrária à conservação e preservação do local, exemplo de consumo irresponsável e imediatista.

Vale apontar que no comportamento do primeiro grupo percebe-se pouca preocupação com o recurso hídrico local ou mesmo falta de conhecimento de alternativas de higienização, como a utilizada por aqueles que disseram usar a areia como meio de promover a limpeza, totalizando 16,07%. O segundo grupo apresenta maior preocupação ambiental, por procurar locais mais apropriados para a lavagem, mas como o fazem com base em seu próprio julgamento e sem orientação técnica, podem, da mesma forma, estar comprometendo os mananciais de água.

Retomando os dados dispostos no Gráfico 03, identifica-se ainda o grupo que higieniza seus utensílios por meio de guardanapos de papel, 7,14%, que somando ao que usa a areia, 16,07%, e ao que não lava, 28,57%, totaliza um volume maior do que daqueles que usam as águas, 51,78% contra 35,69%.

Quanto ao grupo que representa a opção Outros, 8,92%, destacam-se aqueles que lavam seus utensílios com água que trouxeram de casa, despejando-a no solo, e outros que lavam nas águas dos rios e córregos, mas sem usar sabão ou detergente.

Faz-se necessário agir sobre o grupo que ainda utiliza a água indiscriminadamente, a fim de refrear os impactos negativos oriundos deste tipo de comportamento. O estabelecimento de diretrizes ou a implantação de placas educativas poderiam ser eficazes e contribuir para a sensibilização dos visitantes.

O gráfico abaixo ainda trata do uso da água, mas identificando seu uso para a higiene bucal.

GRÁFICO 4

Uso de Água para Higiene Bucal

Quanto a esta questão, o percentual daqueles que afirmaram escovar os dentes seja usando as águas dos rios e córregos ou não, totaliza 57,13%, correspondendo aos grupos 2, 3 e 4; contra apenas 17,85% que afirmam não escovar ou que utilizam pasta de dente biodegradável, grupos 1 e 5. Situação que demonstra, como na questão anterior, necessidade de ação imediata por parte das autoridades responsáveis pelo local ou, a médio prazo, e com o aumento do consumo turístico do local, estes impactos se agravarão, podendo, até mesmo, ganhar contornos de irreversibilidade.

Um grupo que chama atenção pelo percentual é o que escolheu a opção Outros, 23,21%, tendo sido mencionadas as seguintes posturas: trazem água em garrafas e a utilizam para escovar os dentes sem lançá-la em rios e córregos, utilizam somente fio dental ou fazem apenas gargarejo com enxaguante bucal.

Outra questão relevante para o estudo do comportamento do turista e seu efeito sobre o ambiente visitado é quanto ao destino das fezes, conforme Gráfico 05. A região conta com muitas nascentes, e um dejetos em local impróprio pode causar a contaminação da água.

GRÁFICO 5

Destino dos Dejetos Humanos

Esta questão apresenta mais um problema que requer intervenção. Apesar de 80,35% dos respondentes alegarem enterrar as fezes, a solução mais correta seria trazê-las de volta, comportamento demonstrado por apenas 5,35%. Ressalte-se, porém, que equipamentos para isso são geralmente caros e difíceis de serem encontrados. Diante disso, a opção de enterrá-las torna-se a mais viável e deve ser orientada àqueles que, despreocupadamente, deixam os dejetos em qualquer local em atitude oposta à preservação e conservação.

Considerações finais

A análise dos dados coletados junto aos visitantes da Pedra da Mina permite-nos afirmar, seguramente, que o tipo e a intensidade das atividades presentes neste espaço natural vinculam-se ao Turismo de Aventura. Isto porque exige de seus praticantes esforço físico considerável, além de disposição para lidar com situações contrárias àquelas encontradas em seu dia-a-dia. Há que se considerar ainda o *trekking* como a atividade mais praticada no Pico e característica do segmento em questão.

Não obstante, outros segmentos poderão ali se estabelecer, visto não existirem aqueles que, apesar de não serem sinônimos e nem mesmo parte integrante um do outro, são complementares e podem utilizar-se do mesmo espaço físico para sua realização. Entretanto, não há como desconsiderar as particularidades do trajeto até o Pico.

Por estar localizada em uma Unidade de Conservação, a Pedra da Mina revela-se como um recurso natural que, ao ser explorado pela atividade turística, exige planejamento prévio a fim de direcionar seu uso. Contudo, esta ainda não é a realidade local, pois inexistente qualquer Plano que norteie seu consumo e exploração turística – enfatizando: consumo e exploração já estabelecidos e tendendo à expansão.

Por consequência, os recursos naturais que compõem a Pedra da Mina, bem como toda a região da Serra Fina, estão sujeitos a alterações e a perda de suas características, ocasionadas pela falta de planejamento e de infraestrutura adequada à prática turística. Por não haver nenhum tipo de orientação, controle e fiscalização formais por parte dos administradores locais, ficam estes recursos suscetíveis à ação do homem que, por sua vez, variará em função do nível de consciência ambiental deste e se revelará através do tipo de comportamento assumido enquanto permanecer em meio natural.

Sendo assim, cumpre-nos informar que ao responderem questões como as ligadas ao uso do recurso hídrico, trato do lixo produzido e destino dos próprios dejetos, os visitantes da Pedra da Mina demonstraram um comportamento que varia entre ações preservacionistas e outras que denotam total despreparo, desconhecimento e despreocupação com o espaço visitado e sua manutenção; fato agravado pela falta de planejamento e de ordenação local, como mencionado acima.

Por consequência, torna ainda mais emergencial intervir sobre as formas de utilização da Pedra da Mina para fins tu-

rísticos, seja sobre o consumo espontâneo e individual, seja sobre o incentivado por agências de turismo. Sem isto, o uso indiscriminado por parte de alguns poderá gerar resultados danosos que, em médio prazo, comprometerão não só a imagem do local enquanto um destino turístico – hoje tido como promissor – como também à biodiversidade presente na Pedra da Mina e entorno.

Referências

- BENI, Mario Carlos. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- BRASIL. Lei no. 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm>. Acesso em: 21 maio 2009.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Regulamento, Normalização e Certificação: turismo de aventura*. Brasília: Imprensa Nacional, 2005.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo de aventura: orientações básicas*. Brasília: Imprensa Nacional, 2006.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Segmentação de mercado*. Brasília: Imprensa Nacional, s/d.
- PIZA TREKKING – aventura levada a sério. [s/d]. Disponível em: <http://www.pisa.tur.br/roteiro_intro.php?id_roteiro=134>. Acesso em: 21 maio 2009.
- SEABRA, Giovani. *Ecos do turismo: o turismo ecológico em áreas protegidas*. São Paulo: Roca, 2001.
- SWARBROOKE, John et al. *Turismo de aventura: conceitos e estudos de casos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- RUSCHMANN, Doris Van de Menne. *Marketing turístico: um enfoque promocional*. São Paulo: Papirus, 1995.
- VASCONCELOS, Jane Maria de Oliveira. Interpretação Ambiental. In: MITRAND, Sylvia. *Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWF, 2003.

Artigo enviado em 28/08/2009,
aceito em 07/10/2009